

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSILENY PEREIRA LEITE

LA VENENO: Uma Etnografia de Telas Sobre o Sofrimento Ético-Político de Pessoas
Transexuais

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

JOSILENY PEREIRA LEITE

LA VENENO: Uma Etnografia de Telas Sobre o Sofrimento Ético-Político de Pessoas
Transexuais

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco
Francinete Leite Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

JOSILENY PEREIRA LEITE

**LA VENENO: Uma Etnografia de Telas Sobre o Sofrimento Ético-Político de Pessoas
Transexuais**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 27/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Francinete Leite Junior/ Unileão

Membro: Profa. Me. Larissa Maria Linard Ramalho/ Unileão

Membro: Esp. Francisca Janiele Felipe Feitosa/ UniFAP

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2024

LA VENENO: Uma Etnografia de Telas Sobre o Sofrimento Ético-Político de Pessoas Transexuais

Josileny Pereira Leite¹
Francisco Francinete Leite Junior²

RESUMO

A sociedade contemporânea ainda se baseia em normas e regras de como as identidades devem se construir e se expressar, impondo padrões que limitam a construção das subjetividades. No entanto, as pessoas trans, por romperem com as normas sociais, vivenciam um sofrimento ético-político decorrente da violência exercida por uma sociedade construída em uma ética e uma moral da forma correta de ser, assim como uma exclusão da participação política e a negação de direitos básicos. Objetivou-se com tal estudo compreender como se constitui o sofrimento ético-político nas diferentes fases da vida da personagem "La Veneno" da série "Veneno". Discutindo acerca dos modos de vida das pessoas trans e sobre o sofrimento ético-político nas experiências das pessoas transexuais. Sendo utilizada a pesquisa exploratória e descritiva, a partir de uma revisão bibliográfica associada à etnografia de telas, cujos dados foram abordados de forma qualitativa. Os resultados apontaram que as pessoas transexuais vivenciam um sofrimento ético-político decorrente da dor que advém da humilhação social, da marginalização e da violência vivenciada por corpos que são considerados sem valor para a sociedade. Experienciam durante a vida exclusões em diversas dimensões: abandono e desprezo da família, exclusão do mercado de trabalho, falta de políticas públicas para inclusão e pouca atenção à saúde, colocando as pessoas transexuais em experiências de mortes simbólicas, ou melhor, morte em vida.

Palavras-chave: Transexualidade. Sofrimento Ético-Político. Etnografia. Psicologia.

ABSTRACT

Contemporary society still relies on norms and rules regarding how identities should be constructed and expressed, imposing standards that limit the construction of subjectivities. However, trans people, by breaking with social norms, experience ethical-political suffering resulting from the violence exerted by a society built on an ethic and morality of the "correct" way to be, as well as exclusion from political participation and the denial of basic rights. This study aimed to understand how ethical-political suffering is constituted in the different phases of the life of the character "La Veneno" from the series "Veneno," discussing the ways of life of trans people and the ethical-political suffering in the experiences of transgender individuals. An exploratory and descriptive research was conducted, based on a literature review associated with screen ethnography, with data approached qualitatively. The results indicated that transgender people experience ethical-political suffering resulting from the pain that comes from social humiliation, marginalization, and violence experienced by bodies considered worthless to society. Throughout their lives, they experience exclusions in various dimensions: abandonment and disdain from family, exclusion from the labor market, lack of public policies for inclusion, and insufficient attention to health, placing transgender individuals in experiences of symbolic deaths, or rather, death in life.

Keywords: Transgender, Ethical-Political Suffering, Ethnography, Psychology.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: josilenypereiral@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: francinetejunior@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

As construções sociais podem ser explicadas enquanto sendo as normas, ideias e valores criados historicamente. De acordo com Foucault (2014), as construções sociais são mediadas por dispositivos basilares, que são um conjunto de elementos, ideologias, normas, leis, símbolos, práticas culturais e discursos hegemônicos construídos historicamente e enraizados na sociedade. Nesse viés, operam de diversas formas nas diversas instituições sociais, tanto de forma consciente quanto inconsciente, podendo ser palpável ou subjetiva. Para tanto, as construções sociais podem ser criadas na sociedade em função da conservação e do exercício do poder de uns sujeitos para os outros (Lapolli *et al.*, 2022).

Assim sendo, na construção da sociedade, conforme Marinho (2018), foi sendo estruturadas hierarquias em que, em virtude do sexo e da raça, os sujeitos vão sendo marginalizados nas relações sociais. Pelo fato de que, pela ordem social, foram sendo construídas estruturas de poder entre os gêneros, onde o homem é visto como figura de superioridade enquanto a figura da mulher se encontra subordinada a do homem. Ainda segundo o autor, essa ideologia patriarcal se apresenta para além da relação de marido e esposa, expandindo-se enquanto uma ideologia que estrutura a sociedade na marginalização e desvalorização de toda e qualquer identidade que rompa com as fronteiras de gênero prescritas socialmente e que não seja a primazia do homem cisgênero.

Marinho (2020) aborda que o patriarcado é a ideologia que fundamenta e reproduz os binarismos, que se trata, por exemplo, da dicotomia homem-mulher que, nessa perspectiva, não se é pensado outras possibilidades de ser que não seja homem cisgênero ou mulher cisgênera. Conforme Passos *et al.* (2019), nessa sociedade de normas, há a ideia de que o sujeito precisa ter congruência entre o gênero designado ao nascer e o seu sentimento de pertencimento a esse corpo, ou seja, a sociedade impõe que é naturalmente uma regra o indivíduo se identificar com o gênero designado ao nascer.

Nesse viés, as pessoas trans quebram com as normas prescritas pelo social e mostram que as pessoas são diversas na forma de ser e existir. Para tanto, os sujeitos podem ser diversos no que diz respeito à identidade de gênero, podendo não se identificar com o gênero designado ao nascer; como também no que tange à expressão do gênero, tendo a possibilidade de expressar o gênero para além das normativas. Diferentemente da orientação sexual, que diz respeito para onde o desejo amoroso e sexual é direcionado, havendo a possibilidade de ser de muitas formas sem ser as prescritas pela ordem social.

Segundo Marinho (2022), as identidades dissidentes que rompem com as normativas sociais, como as pessoas trans, vivem um sofrimento ético-político experienciado decorrente da exclusão social, que é um processo que tem relação com aspectos políticos e históricos estabelecidos nas relações sociais e mediado por estereótipos e preconceitos. São construções sociais que colocam essas identidades numa posição de desvalor, injustiça e violência. A Associação Nacional de Travestis e Transexuais traz dados pertinentes para que se possa perceber a exclusão vivenciada pelas pessoas trans. Assim, estima-se que 72% da população trans não conclui o ensino médio e apenas 0,02% estão inseridas no ensino superior (Benevides; Nogueira, 2021). Os dados apontam também que apenas 4% da população de transexuais femininas possui emprego formal (Benevides; Nogueira, 2022).

As pessoas trans na sociedade capitalista, segundo Butler (2003), ocupam um lugar de abjeto, ou melhor, um lugar de desvalor e vitimização, sendo marginalizadas por não atenderem às normas hegemônicas enraizadas na sociedade. Diante da realidade das construções sociais, os artefatos culturais, como o cinema, têm retratado as diversas formas como a vida real vai se desenvolvendo durante os tempos, possibilitando materiais que abarcam as diversas representações sociais (Pires; Silva, 2014).

E nessa perspectiva, o presente trabalho teve como ponto de partida a seguinte problematização: como se constitui o sofrimento ético-político nas diferentes fases da vida da personagem La Veneno? Em meio a muitos exemplos e experiências de pessoas transexuais, foi escolhida a trajetória da personagem La Veneno da série “Veneno” por permitir observar elementos que são pertinentes para a pesquisa, mas compreendendo que cada experiência é única e que não deve ser universalizada.

Para tanto, a série “Veneno” é baseada no livro *“Digo! Ni puta, ni santa. Las memorias de La Veneno”*, da autora Valeria Vegas, traduzido como: “Nem puta, nem santa. As memórias de La Veneno” (tradução nossa). A série aborda a vida e a morte de um dos ícones LGBTQIA+ mais amada e importante da Espanha: a Cristina Ortiz conhecida como “La Veneno”. A série relata com maestria a experiência e luta da transexual “La Veneno” em diferentes momentos da sua vida, assim como conta a história da jovem jornalista transexual Valeria Vegas, que era fã da Cristina Ortiz e acabou se aproximando e se identificando com “La Veneno”, decidindo escrever um livro sobre sua história, que foi realizado através da Cristina Ortiz relatando sua vida para a jornalista.

O tema da pesquisa surgiu pela percepção da pesquisadora durante a sua graduação que o assunto acerca da identidade e expressão de gênero parece ser algo ainda não muito explorado por uma parte dos acadêmicos e profissionais da área de psicologia, tendo em vista a dificuldade

em reconhecer a identidade transexual e de saber diferenciar identidade de gênero de orientação sexual. Essa falta de interesse em dar atenção ao tema leva o profissional da psicologia a ser mais um reprodutor de ideologias que causam sofrimento à estas pessoas.

Nesse viés, surge a importância social da temática, pois problematizar questões relacionadas à diversidade de gênero implica questionar também acerca de pensamentos cristalizados na sociedade que propaga discurso de ódio e violência, levando à exclusão dessa população na sociedade e até mesmo à morte. Essa problematização também possibilita reforçar a importância dos princípios do código de ética do psicólogo, como, por exemplo, a obrigação do profissional de psicologia de ter um posicionamento crítico diante de situações históricas, culturais, econômicas e políticas. Ademais, o dever ético da psicologia de desconstruir e combater toda e qualquer ideologia que propague preconceitos e violências.

Tendo em vista tudo que foi dito, o objetivo geral da pesquisa é compreender como se constitui o sofrimento ético-político nas diferentes fases da vida da personagem “La Veneno”. E tem como objetivos específicos: compreender os modos de vida das pessoas transexuais; entender o sofrimento ético-político nas experiências das pessoas transexuais; compreender o sofrimento ético-político nas diferentes fases da vida da personagem “La Veneno”.

2 METODOLOGIA

É uma pesquisa exploratória e descritiva, a partir de uma revisão bibliográfica associada a etnografia de telas, cujos dados foram abordados de forma qualitativa. A pesquisa exploratória, conforme Gil (2018), tem como finalidade proporcionar um contato mais amplo com o problema de pesquisa, possibilitando a criação de hipóteses e a preencher lacunas de informação acerca do tema proposto. Conforme o mesmo autor, as pesquisas descritivas têm como objetivo caracterizar populações ou fenômenos de elementos da pesquisa, assim como, relacionar variáveis da mesma. Pode-se observar, ademais, que algumas pesquisas descritivas podem ter como objetivo possibilitar o desenvolvimento de uma nova visão sobre o problema, o que acaba aproximando-as da exploratória.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa, conforme Soares (2019), é uma abordagem que está ligada diretamente com as interpretações do meio social, das vivências e do mundo experiencial das pessoas. Possibilita a observação dos fenômenos no contexto em que está inserido, dando abertura para saber a forma subjetiva como o fenômeno se dá.

Em um primeiro momento do trabalho ocorreu uma revisão bibliográfica acerca da compreensão dos modos de vida das pessoas transexuais e sobre o entendimento do sofrimento

ético-político nas experiências das pessoas transexuais. Foi utilizado como fonte para a fundamentação livros e artigos, dos quais foram buscados em bases de dados Google Acadêmico, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e repositórios institucionais, e os descritores utilizados foram: “sofrimento ético-político”, “pessoas transexuais”, “modos de vida”, “vivências”, “psicologia”.

Em um segundo momento foi utilizado a Etnografia de Telas na análise da série “Veneno”. A Etnografia de Telas, conforme Colins e Lima (2020), é uma metodologia que possibilita que a representação fílmica possa ser o objeto de estudo da pesquisa. Nessa metodologia se assiste e analisa a uma película com o objetivo de ser desenvolvido um diálogo não apenas objetivo, mas também subjetivo de elementos que compõem essa obra. Para a realização dessa metodologia é preciso seguir os seguintes passos: uma longa imersão na representação fílmica, observação sistemática e variada dessa obra e registro em caderno de campo de cenas que se articulam com o referencial teórico.

Nesse sentido, foi seguido o protocolo de um longo período de contato com a série, que tem uma temporada e oito episódios, assim como houve uma observação sistemática e variada. Também foi seguido o protocolo de registro das cenas escolhidas para análise em caderno de campo. Para a escolha das cenas o critério escolhido foi que a cena tivesse relação com o objetivo geral da pesquisa e com o referencial teórico, assim como fosse escolhido uma cena de cada fase da vida da personagem “La Veneno”.

3 MODOS DE VIDA E A ESTILÍSTICA DA EXISTÊNCIA DE PESSOAS TRANS

As identidades de gênero trans desafiam as normas binárias e as questões relacionadas à biomedicina que estruturam historicamente a cultura. Ou seja, ser uma pessoa trans é ir em contrapartida ao que a sociedade enxerga enquanto norma e certeza. Nesse sentido, o termo “trans” é um termo guarda-chuva que abarca pessoas travestis, transexuais e transgênero. É preciso levar em conta, ademais, que são termos que estão em trânsito e em construção (Peres; Toledo, 2011).

Conforme Leite Junior (2008), o termo travestis diz respeito a pessoa que se identifica com expressões de gênero que não condizem com o esperado pela sociedade para seu sexo biológico. Essas pessoas, geralmente, utilizam estilos de roupas e acessórios que vão contra o socialmente prescrito. Em muitos casos, para atingir uma aparência que deixam essas pessoas mais confortáveis, adotam procedimentos estéticos, hormonais e uso de prótese de silicone.

Assim, há uma feminilidade do termo travestis, que é pouco utilizado em expressões masculinas.

Já as pessoas transexuais são aquelas que não se identificam com as genitálias designadas ao nascer, assim como não se identificam com as normas socialmente associadas a essa genitália. Em alguns casos, podem optar pela cirurgia de transgenitalização para alinharem com suas expressões de gênero, gerando para essas pessoas um bem estar com seu corpo e suas expressões de gênero. Fazer a cirurgia não é uma regra para ser uma pessoa transexual, pois existem pessoas transexuais que não sentem desconforto com sua genitália (Leite Junior, 2008).

Enquanto, acordo com Peres e Toledo (2011), o termo transgênero se trata de pessoas que, de forma temporária ou não, se constituem em expressões de gênero que vão contra o que as normas sociais prescrevem ao seu sexo biológico. Entretanto, são expressões de gênero que não se encaixam nos termos existentes como, por exemplo, “travestis”, “transexuais”, ou ainda termos cisgênero “mulher”, “homem”.

Leite Junior (2008) ainda traz sobre a questão das pessoas travestis serem inseridas em processos de estereótipos que as colocam fortemente associadas a prostituição e a serem portadoras de infecções sexualmente transmissíveis. Nesse sentido, são associadas a pessoas impuras e sujas, diferente das pessoas transexuais que, podem também ser associadas a esses estereótipos, porém, no simbólico da sociedade são colocadas como pessoas mais higiênicas e que diz respeito a uma feminilidade mais burguesa, tendo um caráter linguístico mais valorizado do que as travestis.

Hanauer e Hemmi (2019), afirmam que a autoidentificação na vida das pessoas transexuais é um processo importante para conduzir suas vidas. Essa autoidentificação começa, em muitas pessoas transexuais, ainda na infância, quando há um desconhecimento do pertencimento ao corpo físico. Como resultado da pesquisa sobre autoidentificação realizada pelos autores citados, a maioria das pessoas transexuais entrevistadas afirmaram que sentem uma grande aversão ao órgão sexual, assim como uma vontade de tirá-lo.

Nessas vivências, é notório que a cultura perpassa pelo processo de autoidentificação das pessoas transexuais através da influência da autoaceitação social. Assim, a família pode ser a primeira a gerar conflitos internos na autoaceitação das pessoas transexuais ao propagar discursos cisnormativos de como ser e agir (Hanauer; Hemmi, 2019).

Sampaio e Coelho (2012) trazem, como resultado das entrevistas da sua pesquisa, que a maioria das pessoas transexuais percebem na transexualização e na terapia hormonal procedimentos necessários e desejados devido ao desconforto com o órgão sexual e outras características, como, por exemplo, pêlos, menstruação e seios. Assim como a necessidade

dessas pessoas de se expressarem com o gênero que elas se identificam. Em muitas pessoas, esse desconforto dura até conseguir uma vaga na fila do Sistema único de Saúde ou conseguir verba para pagar a cirurgia particular. Esse processo de espera pode gerar em algumas pessoas transexuais muito sofrimento.

De acordo com Andrade (2012), é possível perceber também que a nomeação dada a um sujeito pelos genitores carrega uma série de significados e prescrições, ou melhor, esse nome vem acarretado de uma série de normas e comportamentos que o sujeito deve seguir. Para as pessoas trans, essa nomeação vem acarretada de cobranças prescritas das quais esses sujeitos não se identificam. E esse prescrito, muitas das vezes, induz as pessoas que não se reconhecem com o sexo designado ao nascer a tentar se adequar a ele pelas cobranças familiares, gerando muito desconforto, sofrimento e dificuldades na sua autoaceitação enquanto pessoa trans. Conforme a autora, assumir uma nomeação que o sujeito se identifica tem um caráter importante de reconhecimento de quem essa pessoa realmente é e da sua autoaceitação enquanto pessoa trans, assim como o não desconforto na sua vida social.

Foucault (1994), depois de seus estudos sobre saberes e poder, desenvolve um pensamento sobre uma relação do sujeito consigo mesmo que abre caminho para que esse indivíduo possa criar-se a si mesmo. Ele chama de estilística da existência/estética da existência para explicar a capacidade que o sujeito tem de construir uma relação consigo mesmo na qual ele se constrói, assim como um artista faz sua arte. A estilística da existência está intrinsecamente relacionada com a criação de si mesmo, de um estilo próprio usando técnicas de cuidado de si mesmo. Ele também a chama de uma ética, uma prática de liberdade da maneira de se conduzir, desenvolvendo atos e ações direcionados para si e para os outros. Essa construção de sua própria subjetividade não está relacionada a normas universais ou a algo já prescrito, mas a partir de limites de modos de vida desenvolvidos pelo próprio sujeito, por questões internas e não externas.

Nessa perspectiva, é possível perceber a vivência trans enquanto uma construção constante e permanente da estilística da existência, mostrando a potência de criar-se a si mesmo indo contra as normas. Além disso, assumem um posicionamento na luta frente a um sistema que normaliza identidades rígidas na construção da sociedade, inferiorizando e excluindo toda forma de ser que saia da norma (Peres, 2008).

Conforme Oksla (2011), numa sociedade de relações de poder e dominação, a construção das subjetividades é limitada e as relações de poder são produtoras de subjetividades e modos de vida. Entretanto, na teoria foucaultiana, diretamente relacionada com as relações de normalizações de modos de ser, ou seja, relações de poder, está também presente as resistências

a esse processo. Já que, conforme a autora, não existem relações de poder sem resistência atrelada a ela.

Foucault (1988) aborda sobre a sexualidade não ser apenas algo natural do desejo do sujeito, mas sim um conceito socialmente e culturalmente construído durante a história da humanidade. É nesse sentido que a sexualidade é um dispositivo histórico, pois cria uma gama de saberes-poderes que atuam no controle e na dominação dos corpos e das subjetividades, onde, através das relações de poder, são reproduzidas normatizações que têm como objetivo apenas um único modo de se ser e existir.

Butler (2003) discute o termo abjeto para se referir a exclusão social, ou melhor, a àqueles sujeitos que são desviantes de uma norma hegemônica que constitui o imaginário das pessoas e as relações sociais. Para a autora, as pessoas travestis e transexuais são atravessadas por uma abjeção, uma norma e uma constituição social que as vitimiza, colocando-as em um lugar de anomalia por abalarem as normas cristalizadas na sociedade. E por esse fato são excluídas da sociedade, vistas enquanto corpos inúteis e descartáveis, sendo negligenciadas, marginalizadas e sofrendo inúmeras violências.

4 O SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO NA EXPERIÊNCIA DE PESSOAS TRANSEXUAIS

O termo sofrimento ético-político foi definido pela primeira vez no livro “As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social” produzido pela Bader Sawaia no ano de 1999. A autora traz esse conceito para apresentar um tipo de sofrimento que decorre das injustiças sociais e da exclusão (Bertini, 2014).

Conforme Sawaia (2001), o sofrimento ético-político diz respeito a um sofrimento que não é intrínseco do sujeito, pois não tem sua origem no indivíduo. É um sofrimento que tem raízes sócio-históricas decorrentes das injustiças sociais, ou melhor, do lugar que o sujeito ocupa nessa sociedade, lugar esse de desvalor, de humilhação, de opressão e de exclusão. Esse sofrimento não se apresenta para todos os sujeitos, ele chega para a parcela da sociedade que fazem parte de categorias de exclusão. A autora também traz que esse sofrimento é ético-político porque está interligado diretamente com a relação de poder sob o indivíduo e seu lugar de passividade, de servidão e de liberdade retirada.

Segundo Salgado (2011), o sofrimento proveniente do sofrimento ético-político é a dor que advém da humilhação social, das injustiças sociais, do lugar de servidão e desvalor em que o sujeito vai sendo colocado nas relações sociais, gerando um sentimento de inferioridade e

desesperança. Dias (2021) relata que a questão do sofrimento ético-político é tão profunda e problemática que vai além das questões psíquicas do indivíduo e pode levar à morte biológica do sujeito.

Nesse sentido, o sofrimento ético-político decorre da exclusão social, que pode se expressar de muitas formas, além de ser, na maioria das vezes, sutil. Ao ser apresentado de diversas formas, está diretamente relacionado com dimensões políticas, materiais, subjetivas, sendo produzida e reproduzida nas relações sociais estruturadas na sociedade (Marinho, 2022).

Assim sendo, a exclusão social está intrinsecamente relacionada a como algumas vidas são excluídas da participação política e de direitos legalmente assegurados pelo Estado. Essa exclusão não se faz por acaso; estrategicamente, pelo poder soberano, certos grupos são colocados como não humanos e facilmente descartáveis. Esse grupo de pessoas é reduzido a vida nua, vidas que são consideradas inúteis, são esquecidas, negligenciadas e marginalizadas, sofrendo inúmeras violências políticas e sociais (Agamben, 2002).

De acordo com Sawaia (2001) sobre a formação da identidade, alguns sujeitos de uma determinada parcela da sociedade vão sendo construídos no processo de inclusão/exclusão, ou seja, ao mesmo tempo em que a sociedade inclui essa parcela da população, na verdade está realizando um movimento de incluir para excluir, tendo em vista que direitos são negados e esses indivíduos são submetidos a uma posição passiva e desumana na sociedade. Enquanto outra parcela da sociedade vai ocupando lugares de privilégios e de opressores que conservam essa dialética da inclusão/exclusão. No caso das mulheres trans, ainda há um atravessamento com a desvalorização do feminino e a valorização do masculino. As mulheres trans têm seus direitos negados por se identificarem enquanto corpos femininos, mas não estarem dentro das normas (Carvalho 2019).

Em decorrência disso, Butler (2003) aponta que as pessoas travestis e transexuais por ocuparem o lugar de pessoas desviantes na sociedade, ou melhor, lugar de abjeto, são sujeitos que não recebem status de humanidade e de merecedores de respeito e, dessa forma, são excluídos e passam a ocupar as zonas mais inóspitas e marginalizadas da sociedade. Decorrente disso, as pessoas trans são diariamente alvo de preconceitos e violências.

Chinazzo (2021) aborda que decorrente do lugar de marginalização e exclusão em que as pessoas transexuais são colocadas na sociedade, enfrentam um processo denominado de estresse de minorias. Esse conceito descreve o processo de estresses adicionais em que minorias de raça, gênero e classe são submetidos, e que outras pessoas na sociedade não são. Conforme o mesmo autor, as pessoas trans vivenciam estresses adicionais no decorrer de suas vidas ao

serem excluídas de acesso à emprego, educação, saúde e etc. Assim como por passarem por processos de discriminação e preconceito.

Diante disso, o biopoder, que é o poder exercido sob os corpos através de práticas políticas e instituições, e o termo vida nua abordado por Agamben (2002) são conceitos que alertam para o sofrimento vivenciado por travestis e transexuais. Esse sofrimento advém de um regime conservador-patriarcalista e machista que exerce sob as pessoas trans repressões e tensões para que se adequem às normas impostas, ou seja, exercem um poder sob os corpos trans os privando de viverem seus próprios modos de ser (Leite Junior *et al.*, 2021).

Partindo dessa compreensão, a transfeminina, pesquisadora e militante Hailey Kaas, aponta e explica em um dos seus trabalhos o conceito de cissexismo, que é uma forma de sexismo decorrente da relação hierárquica dos sujeitos cisgêneros para com as pessoas trans. O cissexismo é uma forma de opressão das pessoas cisgênero para com as pessoas trans. Derivado da cisnormatividade, essa estrutura de opressão produz a marginalização das pessoas trans, negando, oprimindo e tornando as vivências trans enquanto anormalidades (Kaas, 2015).

Conforme Butler (2015), há um sistema ético e moral que se encontra entre o eu e o mundo, onde o “eu” vai sendo construído pela sociedade e a sociedade é construída pelos “eus” que determinam e ditam a concepção de moral e ética na estrutura histórica e cultural. E nesse processo encontra-se uma violência e uma exclusão pela rigidez de como se constrói de forma impositiva pelo “outro” as formas de ser e existir no mundo, ou seja, as identidades. A autora aborda a importância de se pensar uma desconstrução e descentralização de identidades rígidas, se fazendo necessário uma responsabilidade ética e um posicionamento crítico diante dessa violência. Esse posicionamento crítico abre caminhos para a garantia do direito de ser quem é e a emancipação de identidades travestis e transexuais que rompem com as normas impostas pelo tecido social.

Acerca do sofrimento que é decorrente da dimensão ética e política, é relevante olhar para o mesmo por meio das emoções, ou seja, transformá-lo em emoção, pois é nas emoções que está o potencial do sujeito de ser afetado por sua realidade e seu potencial de ação sobre essa realidade, tendo em vista que todos os seres humanos têm potencial para se expandir (Bertini, 2014). Carvalho (2019) afirma que as políticas de afetividade apresentam o poder que há em se emocionar e sentir sua realidade enquanto potência de ação para buscar a liberdade e a autonomia do sujeito oprimido. Só através desse processo de se afetar, sentir e se emocionar que pode desenvolver no sujeito o seu potencial de ação sobre essa realidade para a emancipação e a felicidade de si e do outro.

De acordo com as Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas, Psicólogos e Psicólogues em Políticas Públicas para a população LGBTQIA+ (Conselho Federal de Psicologia et al., 2023), diante do processo de posicionamento crítico e de descentralização frente às normas sociais que cristalizam identidades e promovem violências, a psicologia assume compromissos éticos e técnicos na sua prática. A psicologia tem a responsabilidade social de dialogar contra as normativas que estruturam a sociedade em ideias hegemônicas e lutar por políticas públicas e direitos a favor da comunidade LGBTQIA+. Além disso, o psicólogo tem o compromisso de se posicionar tendo como base os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Nessa perspectiva, conforme o Código de Ética Profissional do Psicólogo, esse profissional deve ser orientado por princípios éticos e políticos, como o não exercício de discriminações, a garantia do direito da autonomia e liberdade dos sujeitos e o reconhecimento da existência da diversidade social. O psicólogo tem sua atuação pautada na responsabilidade social, tendo um posicionamento crítico diante de situações históricas, culturais, econômicas e políticas (Conselho Federal de Psicologia, 2005).

A RESOLUÇÃO Nº 1, de 29 de janeiro de 2018 estabelece normas para a atuação de profissionais de psicologia em relação as pessoas transexuais e travestis. Conforme o mesmo, nas suas práticas, os psicólogos e psicólogas deverão seguir o código de ética do psicólogo, usar dos seus conhecimentos para reflexões direcionadas a eliminar a transfobia e preconceitos, e não deverão direcionar ações de preconceito ou discriminação a essa população. Ademais, os psicólogos e psicólogas não deverão ocultar ou serem cúmplices de discriminações. Os instrumentos e técnicas psicológicas não devem ser usados para o exercício de discriminações e preconceitos. Esses profissionais não deverão contribuir com eventos ou serviços que propaguem a cultura discriminatória, assim como fazer parte de pronunciamentos, sendo pela internet ou não, que sejam a favor ou propaguem o preconceito. Por fim, em nenhuma hipótese deverão idealizar, participar ou pôr em prática ideias voltadas para a patologização dessa população, ou práticas relacionadas a terapias de conversão (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente estudo buscou compreender como se constitui o sofrimento ético-político nas diferentes fases da vida da personagem “La veneno” da série “Veneno”. A série “Veneno” foi dirigida por Javier Calvo e Javier Ambrossi e o roteiro teve como base o livro “*Digo! Ni*

puta, ni santa. Las memorias de La Veneno", que foi produzido através dos relatos da Cristina Ortiz da sua história de vida e foi escrito pela Valeria Vegas, que também faz parte do enredo da série. Nesse sentido, a trama produzida pela HBO Max retrata a biografia sobre a história da mulher transexual mais conhecida da Espanha: Cristina Ortiz conhecida como "La veneno". A série tem uma temporada e oito episódios. Ela conta com um enredo que evitou transfake³, tendo em vista que a produção evitou o uso de atores masculinos para interpretar as personagens trans, usando de atrizes que são trans para atuarem. Esse fato põe a série em diferenciação em relação às demais tramas que relatam a vida de pessoas trans, dando representatividade a essas pessoas.

A série que teve sua estreia no final de 2020, abarca mais de cinquenta anos de trajetória da Cristina Ortiz. A trama apresenta cenas de todas as fases da vida da personagem principal, mas sem ser em ordem cronológica. A Cristina Ortiz foi descoberta por uma repórter de TV em 1995, quando se prostituía nas ruas de Madri, desde então participou de muitos programas e seu carisma e autenticidade encantou os espectadores.

Em 2005 um jovem (que se encontrava em um momento de descoberta da sua identidade de gênero) fã da Cristina Ortiz descobre que ela está na cidade de Valência e, de todas as formas, tenta encontrá-la. Quando enfim encontra sua ídola, uma relação próxima de identificação e amizade é criada. Ele começa seu processo de se identificar como mulher trans ao mesmo tempo em que vai convivendo com a Cristina Ortiz, agora se identificando-se enquanto Valeria Vegas. A personagem então decide escrever um livro sobre a história da Cristina Ortiz, onde toda a trajetória de vida se faz presente desde a infância até a velhice.

Contando com fortes cenas de violência e sofrimentos enfrentados pela personagem, a série retrata a infância sofrida da Cristina Ortiz, que vivenciou violências físicas e psicológicas da mãe por ser afeminado. Devido às violências sofridas, a personagem foge de casa com sua irmã tendo que enfrentar muitos desafios. Na vida adulta, antes da transição de gênero, passando por dificuldades ao ser mandada embora do seu emprego formal por seu jeito feminino, a personagem foi trabalhar na prostituição, lugar onde construiu laços fortes de amizade e conseguiu fazer sua transição de gênero. A trama também aborda as violências que a personagem sofreu por parte do seu parceiro amoroso, o mesmo que a colocou na prisão. Na prisão sofreu violências de todos os gêneros. Na sua velhice, carregou consigo lembranças e sentimentos do seu passado, e teve uma morte sem muitas explicações da causa.

³ O termo transfake é utilizado para se referir a um(a) ator/atriz cisgênero que interpreta numa obra uma personagem trans.

5.1 COMO TUDO COMEÇOU

A primeira cena a ser descrita, está presente no episódio dois, quando Valeria Vegas pergunta a Cristina Ortiz sobre desde quando ela sabe que é mulher, e ela afirma que desde sempre, pois na sua infância costumava botar os vestidos da sua mãe, se pintar e usar salto alto. Enquanto a Cristina fala, a cena da sua infância é apresentada. Nessa cena, a Cristina quando ainda Roselito, se mostrava muito alegre mexendo no quarto da sua mãe, botando o vestido dela, usando suas maquiagens e seus acessórios. Ao terminar de se arrumar, Roselito vai em direção a sua mãe que estava tomando café com seus demais irmãos e fala – “Olhe, mamãe” (Veneno, episódio 2, 20 minutos e 14 segundos). Ela o olha sem acreditar no que está vendo e logo parte para as violências físicas. Sua mãe bate em seu rosto e puxa seu cabelo ao mesmo tempo em que arranca o vestido do seu corpo e fala – “[...]você vai me matar, tira isso[...]” (Veneno, episódio 2, 20 minutos e 22 segundos).

De acordo com Falcke e Wagner (2005), nenhum sujeito se constitui fora de um núcleo familiar, o que implica dizer também que nenhum indivíduo se constrói fora de um contexto histórico e cultural. Quando um sujeito nasce, há uma cultura e uma história preexistente com várias normas e regras que serão impostas a ele. A transgeracionalidade é a responsável pela transmissão dos conteúdos históricos e culturais que são passados de geração a geração e se mantêm presentes ao longo do tempo, como, por exemplo, valores, normas, crenças, costumes etc.

Nessa perspectiva, Pereira e Menezes (2009) afirmam que a família é uma instituição que nesta há uma relação de poder de uns membros para com os outros. Assim, essa instituição exerce controle e impõe regras aos sujeitos que dela fazem parte. Portanto, na família, o membro só é aceito se cumprir com as normas e regras impostas pela mesma.

É possível observar na cena descrita, quando Cristina ainda era Roselito na infância, que as regras e normas internalizadas pela sua mãe estavam sendo exercidas sobre ele e que o mesmo não podia expressar a feminilidade que fazia parte da sua identidade, pois as crenças e valores aprendidos por sua mãe e que eram causadores de sofrimentos para Roselito estavam relacionados com ideias binárias de que homem se comporta como homem e mulher se comporta como mulher, ou seja, se comporta conforme a sociedade exige que seja (Passos *et al.*, 2019).

Conforme Butler (2015), a sociedade é estruturada em uma ética e uma moral preexistentes que estruturam as relações sociais de forma que promovem violências e exclusões pela rigidez com que se impõem sobre como se deve construir as identidades, com os “outros”

sempre ditando a forma certa de ser e existir. A mãe de Roselito faz parte desse “outro” que pratica a violência e a exclusão ao tentar controlar a forma autêntica de feminilidade de Roselito, barrando sua forma de ser e internalizando a norma social de uma identidade rígida, prescrita e entendida como a correta.

A mãe do Roselito demonstra não conseguir ter uma relação afetuosa e cuidadosa com seu filho devido ao jeito “diferente”, ou melhor, da feminilidade que a criança expressa. Grandó *et al.* (2012) discorrendo sobre a teoria de Winnicott acerca da mãe suficientemente boa afirma que, a criança precisa de carinho e contato, assim como a proteção da mãe para que tenha um desenvolvimento saudável da sua personalidade. A mãe suficientemente boa é aquela que junto com seu par busca construir um ambiente familiar que seja saudável, tranquilo e agradável. A relação que a mãe constrói com seu filho tem um impacto imensurável no desenvolvimento dessa personalidade e em como, no futuro, o sujeito vai se relacionar consigo, com o outro e com o mundo.

5.2 ADOLESCER

Ainda no episódio dois, quando Cristina que ainda se identificava como Roselito na adolescência, ao tentar ajudar seu amigo que é homossexual e estava sofrendo agressões físicas de vários garotos, Roselito vai em direção a seu amigo ajuda-lo e acaba sofrendo também agressões físicas. Ao voltar para casa com muitos machucados e chorando desesperado em busca de um acolhimento fala: – “Mamãe, tentaram me matar, mãe” (Veneno, episódio 2, 44 minutos e 05 segundos). Ele vai em busca de abraçar sua mãe, a mesma ao não mostrar nenhuma comoção para com o filho fala: – “Me larga, me larga... É isso que acontece com bichas, me ouviu? O que você está usando? O que é isso?” (Veneno, episódio 2, 44 minutos e 22 segundos). Ao mesmo tempo que fala, arranca a blusa do Roselito cheia de babados e continua falando: – “Eles deveriam ter feito pior. Vai embora agora” (Veneno, episódio 2, 44 minutos e 35 segundos). A mãe do Roselito o expulsa para fora de casa à noite.

A adolescência pode ser compreendida enquanto um período entre a infância e a vida adulta, estando presente e em mudança aspectos do desenvolvimento emocional, mental e social. Essa fase é caracterizada também pela busca do adolescente em suprir as expectativas esperadas pela família e a sociedade. Ademais, nessa fase vem à tona assuntos acerca da identidade do sujeito, da sexualidade e da relação da família com o membro (Pratta; Santos, 2007).

Tendo em vista esses fatores, a família é a instituição que tem relação direta com o adolescente, influenciando nos seus processos dessa fase. A mãe do Roselito pela sua forma de lidar com o filho, demonstra não conseguir ter uma relação de abertura para diálogo, tendo em vista que tudo que é falado por ela é de forma autoritária e violenta, sempre culpabilizando Roselito por sua forma de ser. Esse comportamento aponta para um relacionamento familiar disfuncional. Tendo em vista que, conforme Falcke e Wagner (2005), as famílias disfuncionais têm uma má comunicação e pouca ou quase nenhuma demonstração de afeto, tendo dificuldades na resolução de conflitos e podem por acabar culpabilizando o adolescente pelos problemas dentro da família.

Essa relação de conflito entre Roselito e sua mãe pode ter sido decorrente do que o Reis (1989) afirma de conflito de gerações. Ou seja, a mãe do Roselito foi construída em uma cultura onde os valores e crenças apontavam para a ideia de que a identidade deve ser construída de forma rígida e seguindo os padrões sociais. Quando ela entra em contato com a forma de ser de Roselito, que vai contra essas normas, há um choque de gerações, onde conflitos se fazem presentes pela falta de flexibilidade na relação

Roselito, na cena, não é permitido ter sua autonomia e seus direitos básicos de ser quem ele é são retirados. Falta nessa relação, segundo Falcke e Wagner (2005), uma funcionalidade familiar, uma vez que uma família funcional consegue manter um equilíbrio entre a proteção e a autonomia do adolescente, possibilitando o desenvolvimento do comportamento e a autonomia do sujeito. Essa funcionalidade valoriza o adolescente, mostrando sua importância na organização da família e que ele tem direitos dentro desse arranjo familiar.

Ademais, é notório na cena em análise que o Roselito quando sofre discriminações e é expulso de casa já começa a enfrentar o que Cardoso e Leite (2021) chamam de mortes simbólicas. Nesse sentido, a morte simbólica é um processo de morte em vida decorrente de vivências de discriminações, violências e exclusões enfrentado por alguns sujeitos, como o caso de pessoas transexuais. Assim, pelo simples fato de o Roselito ser quem ele é foi motivo de sofrer violências e exclusões da sua família, o colocando em processos de extremo sofrimento e desesperança, ou seja, mortes simbólicas.

Conforme Butler (2015), a relação entre Roselito e sua família tanto aponta uma violência ética pelas formas rígidas de modos de ser que são impostos pela mãe do Roselito, quanto desencadeia um sofrimento vivenciado pelo adolescente que tem sua existência negada e excluída desde o ambiente familiar até as demais dimensões da sociedade. Falcke e Wagner alertam que essas relações familiares disfuncionais deixam o adolescente mais propício a desenvolver transtornos relacionados à ansiedade e depressão.

5.3 UMA FASE ANTES DA TRANSIÇÃO

Após conhecer uma mulher transexual que se chamava Cristina e trabalhava de prostituta no Parque del Oeste, o personagem que ainda era chamado de Roselito se identifica com a Cristina e afirma que gostaria de ser como ela. A mulher indica hormônios que podem ser comprados na farmácia e assim é feito. Nesse meio tempo do seu processo de transição de gênero, trabalhava na cozinha de um hospital. Nesse sentido, por estar se vestindo com roupas consideradas femininas, peruca e hormônios femininos, ao ir entregar a comida de um senhor na cama, o paciente nota diferença e pergunta – “O que você fez?” (Veneno, episódio 4, 11 minutos e 57 segundos) jogando a bandeja com a comida no chão. Após esse fato, Roselito é chamado pelo diretor do hospital que chama sua atenção sobre sua forma de se comportar e se vestir: – “Escuta, não é a primeira vez que tenho reclamado sobre seu comportamento” (Veneno, episódio 4, 12 minutos e 16 segundos). Roselito pergunta: – “Que comportamento?” (Veneno, episódio 4, 12 minutos e 17 segundos). O diretor então responde: – “Da sua atitude, Rose Antônio. O jeito que se veste. E... não é apropriado aqui. Nem mesmo de uniforme você parece normal. Sua vida não é da minha conta, mas aqui não é seu lugar” (Veneno, episódio 4, 12 minutos e 18 segundos).

Na cena em questão, Roselito está no início da fase de se reconhecer enquanto mulher transexual, onde está aderindo às expressões femininas. De acordo com Peres (2008), as mudanças corporais para as pessoas trans têm extrema importância para a construção de um corpo enquanto estilística feminina, como é o caso da transição da cena em análise. Nesse sentido, ainda conforme o autor, o uso de hormônios femininos, prótese de silicone e outros procedimentos contribuem para a construção desse corpo feminino e para o bem-estar psicossocial do sujeito.

A mudança do visual do Roselito gerou espanto para os sujeitos da instituição onde trabalhava, pois rompe com as normas e regras binárias estruturadas na sociedade sobre a forma correta de um corpo considerado masculino deve se expressar enquanto sujeito inserido em um ambiente social. Prudêncio (2016) aponta que os corpos são submetidos a regras e normas culturais que ditam padrões corporais considerados aceitos para a cultura. Nesse processo de formas de se expressar que são consideradas corretas, corpos são incluídos ou excluídos nas relações sociais, já que a expressão de um corpo é considerada motivo para incluir ou não um indivíduo em um grupo.

Diante disso, corpos não aceitos pela sociedade costumam incomodar as pessoas, e essas se sentem no direito de impedir a singularidade e espontaneidade dos sujeitos, os privando do direito de serem quem são e de viverem em sociedade. Em decorrência disso, esses corpos vivenciam violências, discriminações e exclusões (Peres, 2008).

Tendo em vista que, por influência da cultura Europeia, o mercado de trabalho formal ainda tem um perfil ideal de funcionário, sendo estas pessoas brancas, cisgênero, heterossexuais, que não façam parte de religiões de matrizes africanas e entre outras exigências sabeadas no estígima e no preconceito. Contudo, as pessoas transexuais por fugirem dessas configurações são consideradas como improdutivas para esse mercado formal e excluídas desses ambientes (Oliveira *et al.*, 2021).

Pinheiro e Araújo (2017) apontam a frequência com que pessoas trans são marginalizadas do mercado de trabalho quando não são empregadas em empresas formais pela justificativa de que não se encaixam no perfil da vaga. As mulheres trans entrevistadas na pesquisa realizada pelos autores citados, afirmaram nunca terem sido inseridas em emprego formal com carteira assinada e seus currículos nunca tiveram devolutiva.

Nesse viés, poucas são as políticas públicas direcionadas para a inserção de pessoas trans no mercado de trabalho, agravando ainda mais a exclusão dessa população. E, por esse fato, a prostituição surge, muita das vezes, enquanto a única oportunidade de sobrevivência após serem excluídas de diversas dimensões da sociedade: família, escola, mercado de trabalho e dentre outras dimensões (Oliveira *et al.*, 2021).

5.4 VÍTIMA DO SISTEMA

Cristina Ortiz foi presa pela denúncia do seu então namorado, Angel, a colocando contra a empresa de seguro pelo incêndio da casa que ele mesmo planejou. Cristina é condenada a três anos de prisão. Na prisão, pelo fato de a Cristina não ter feito a cirurgia de redesignação sexual e não ter mudado seu nome nos seus documentos, para o Estado e a Lei ela era considerada homem. Por esse fato, foi colocada no bloco masculino do sistema penitenciário. Cristina sofre diversas violências físicas, sexuais e psicológicas, sendo violentada tanto por detentos quanto por agentes penitenciários. Para se proteger desses abusos, Cristina se relaciona com um dos detentos.

Na cena em questão, um agente penitenciário que usava a Cristina para o que ele queria, fala: – “O que tá acontecendo? Onde você estava? Eu não sou idiota, está ouvindo?” (Veneno, episódio 7, 17 minutos e 45 segundos). Cristina fala: – “Me solta, não estou mais trabalhando

para você” (Veneno, episódio 7, 17 minutos e 49 segundos). O agente penitenciário pontua: – “Vai trabalhar pra mim até eu liberar” (Veneno, episódio 7, 17 minutos e 51 segundos). Cristina então fala: – “olha só, eu não devo nada” (Veneno, episódio 7, 17 minutos e 53 segundos). o agente interroga: – “Tem certeza disso? Se não fosse por mim você estaria arreventada toda vez que fosse tomar banho” (Veneno, episódio 7, 17 minutos e 53 segundos). Cristina afirma que tem sua própria proteção, pois está namorando um rapaz da prisão e ele irá protegê-la dos demais. O agente penitenciário fica furioso e afirma que ela não pediu permissão a ele para isso.

No momento em que Cristina entra na prisão, já se inicia processos de opressões e violências, tendo sua identidade feminina negada e interrompida. A personagem foi colocada em bloco masculino, teve seu cabelo raspado e foi impedida de continuar com o tratamento hormonal. Pode-se perceber que a prisão, segundo Ferreira (2014), além de ser uma instituição punitiva e de descumprimento da Declaração Universal dos Direitos Humanos, é considerada um lugar onde se faz um depósito de abjetos, de corpos indesejados pela sociedade e que pelo entendimento social podem sofrer qualquer tipo de violação. Nesse viés, o sistema carcerário é perverso e punitivo para os recortes de raça, classe e gênero, entretanto, quando se trata de pessoas trans encarceradas há um agravamento no rompimento de direitos, na marginalização, invisibilização e opressões.

A verdade é que, diante da falência do sistema penitenciário, o poder público invisibiliza a diversidade de gênero, ignorando a existência de pessoas transexuais encarceradas. Em consequência disso, há uma falta de atenção direcionada às pessoas trans. Essa falta de atenção já se faz presente na sociedade, onde não há políticas para inserção das pessoas trans, para a atenção à saúde e/ou políticas afirmativas para o combate à discriminação. E se essas questões não existem fora, dentro da prisão não se fazem diferentes, e pelo contrário, se intensificam na violação de direitos e discriminações (Gomez, 2017).

Na cena em análise, o agente penitenciário questiona Cristina sobre ter sumido e não ter mais obedecido aos seus mandatos. A Cristina que já havia passado por diversas violências decorrentes dos mandatos do agente penitenciário, tentava ao máximo passar despercebida para não vivenciar novamente as violações e violência que enfrentava advinda do agente penitenciário e dos presos. Leite e Monteiro (2021) discorrem sobre a frequência com que as mulheres trans quando inseridas no sistema carcerário são submetidas a inúmeras violações e violências, tanto por detentos quanto por policiais, onde sofrem discriminações, violências sexuais, físicas e psicológicas. Isso porque dentro das penitenciárias, as mulheres trans além de terem seus direitos enquanto pessoas encarceradas negados, ainda são alvo de estupro e mortes.

Nas relações sociais, de acordo com Ferreira (2014), o corpo trans feminino é atravessado por um assujeitamento, tendo em vista que é submetido a um processo de subalternidade. Essa submissão é influenciada pelo machismo, onde tudo que não é homem cisgênero e hétero é considerado inferior. Nesse sistema, a mulher é posta num lugar de obediência e servidão. Nesse sentido, o corpo trans feminino não apenas sai da norma, mas por ocupar uma posição feminina, é submetido a um lugar de obediência e visto como um corpo que pode ser facilmente violado. A ideologia opressora machista sendo exercida sobre o corpo trans feminino explica o fato de a Cristina ter sentido a necessidade de buscar um namorado para protegê-la dos demais homens, pois no sistema machista, um homem se sente intimidado na presença de outro, mas não na presença de uma mulher, se sentindo à vontade para violar e violentar esse corpo.

5.5 ADEUS À CRISTINA ORTIZ

Cristina Ortiz foi encontrada pelo seu namorado no seu apartamento com uma pancada na cabeça e sangrando muito. A polícia não deu maiores explicações acerca da investigação da sua morte. A família da Cristina nunca fez questão de visitá-la, mas na sua morte, por interesses financeiros, foram em busca dela. Na cena em análise, a família da personagem estava recebendo a devolutiva do valor do congelamento da Cristina, pois uma das irmãs tinha o interesse de saber a fundo o que aconteceu. Dessa forma, o funcionário afirma que o valor é de dez mil euros pelo congelamento estendido. A mãe da Cristina então fala: – “Ah... Roselito. Meu Deus, até na sua morte está me arruinando.” (Veneno, episódio 8, 39 minutos e 51 segundos). A irmã pede para que a mãe pare com isso, pois na venda do apartamento o dinheiro será recuperado. Uma segunda irmã afirma: – “Falei pra gente falar com a imprensa. Mostrar as fotos que tiramos dela, a gente vai ganhar uma grana.” (Veneno, episódio 8, 40 minutos e 02 segundos). O irmão sugere para recuperar o dinheiro através do seguro. Uma terceira irmã afirma que não vai desistir fácil, pois esse crime é de grande dimensão e quer continuar com as investigações para saber o que de fato aconteceu.

Momentos depois, a mãe da Veneno fala que vai terminar essas investigações e levar a Cristina para Abra e enterrá-la como Deus manda. Um segundo irmão afirma que não concorda e que todos vão respeitar o último desejo da Cristina de ser cremada e ter as cinzas jogadas no Parque del Oeste. A irmã fala: – “Mas o que é isso? Com todas as putas e mulheres trans.” (Veneno, episódio 8, 41 minutos e 07 segundos). A mãe então o manda calar a boca, pois afirma que ele não tem ideia do que está falando. O irmão da Cristina afirma que não vai se calar e que

todos irão fazer o que a Cristina queria. Ele ameaça a mãe de falar com a mídia e contar tudo, até os segredos dela. A mãe fala: – “Só metade. Só metade das cinzas. A outra metade vai comigo para Abra. Tá bom? Que ótimo! Fim da história.” (Veneno, episódio 8, 41 minutos e 46 segundos).

Antes da sua morte, Cristina teve uma vida permeada por inúmeras vivências de violências, violações, discriminações e exclusões, que demarcam, de acordo com Cardoso e Leite (2021), um conjunto de mortes simbólicas, ou melhor, mortes em vida. Cristina teve mortes simbólicas na sua infância e adolescência, onde sofreu discriminações e exclusões que carregou consigo por toda a sua vida. Na vida adulta, a personagem vivenciou momentos de falta de acesso a empregos formais, injustiças e violências no sistema carcerário. Dessa forma, antes da sua morte, Veneno carregava marcas do que é uma morte em vida. Teve inúmeras tentativas de suicídio fruto de uma vida atravessada por experiências de negação da sua identidade e exclusões.

Pinheiro e Araújo (2017) discorrem sobre a população de travestis e transexuais experienciar um processo de morte em vida assim que assumem suas identidades de gênero, tendo sua existência negada e limitada pela família, escola, assim como, são excluídas de acesso a emprego formal, condições precárias de atenção à saúde e negação da cidadania. São vítimas de um sistema cisnormativo que defende o direito dos sujeitos que são considerados vidas que importam, e as pessoas trans, conforme Butler (2015), por serem consideradas abjeto, ou seja, corpos sem valor, não tem seus devidos direitos básicos assegurados.

Na cena em análise, Cristina mesmo após a morte sofreu apagamento da sua identidade de gênero e discriminações pela sua família de origem. É possível observar, na cena, que a mãe e os irmãos da Cristina o chamam pelo seu nome de nascimento. Nesse sentido, a cena deixa transparecer que Cristina era a menos importante naquele momento para eles. Nessa perspectiva, Butler (2017) discute acerca da ideia de que uma vida é lamentada quando socialmente ela é reconhecida como uma vida valiosa e que merece ser vivida. As pessoas trans por não atenderem as normativas sociais, são vistas enquanto mortes que não são consideradas e reconhecidas pela sociedade. Logo, para a sociedade, são mortes sem relevância e sem importância, onde os sujeitos não se compadecem e não existe um luto diante dessas mortes.

Tendo em vista o lugar de marginalização e exclusão em que essa população é colocada na sociedade, assim como, a falta de responsabilidade governamental e civil para com essas pessoas, a violência é a principal causa da morte de pessoas trans. Nesse sentido, o Brasil ainda lidera o ranking do país que mais mata pessoas trans no mundo. No ano de 2022, registrou 131 assassinatos de pessoas trans, sendo 130 mulheres trans e travestis, e 1 homem trans., ou seja,

é notório que há um recorte feminino nos homicídios de pessoas trans, os assassinos escolhendo as mulheres trans e travestis como suas vítimas (Benevides; Nogueira, 2023). Conforme Gomez (2017), a população trans tem a média de vida de 35 anos, em contrapartida, o resto da população tem média de 75,5 anos. Demonstrando o quanto a morte de pessoas trans se faz de forma precoce.

Entretanto, conforme Pinheiro e Araújo (2017), a morte das pessoas trans também são atravessadas pelas consequências da morte simbólica mencionada anteriormente. A falta de acesso a empregos formais, as poucas políticas de saúde direcionadas às pessoas trans, a exclusão pela família e dentre outras questões colocam as pessoas trans em uma maior vulnerabilidade social. E esse fato pode levar essa população a diversos tipos de mortes que poderiam ser evitadas pelo poder público. Como, por exemplo, o suicídio que tem uma taxa altíssima em pessoas trans (Benevides; Nogueira, 2023).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou compreender como se constitui o sofrimento ético-político nas diferentes fases da vida da personagem e mulher transexual “La Veneno” da série “Veneno”. Para isso, foi utilizado a etnografia de telas junto com a revisão bibliográfica e realizada a análise de cinco vivências da personagem desde a sua infância até à morte. Tais cenas possibilitaram discussões acerca da vivência de exclusão e violência enfrentada pelas pessoas transexuais.

Os resultados revelaram que as pessoas transexuais por romperem com as normas e regras sociais, vivenciam um sofrimento ético-político decorrente da exclusão fruto de uma sociedade constituída em padrões cisnormativos, binários e patriarcais, exercendo sobre esses corpos um poder e uma dominação. O sofrimento do sofrimento ético-político vivenciado pelas pessoas trans é a dor que advém da humilhação social, da marginalização e da violência vivenciada por corpos que são vistos enquanto vidas que podem ser matáveis e sem valor para a sociedade. Ademais, o sofrimento ético-político tem duas dimensões importantes de análise, a ética, da forma como a sociedade se estrutura em uma ética e uma moral da forma correta de ser e que limita as subjetividades e, uma dimensão política, onde alguns corpos não são possíveis de participação política e de gozarem de direitos básicos enquanto cidadãos.

As pessoas transexuais vivenciam em suas trajetórias mortes simbólicas, ou melhor, mortes em vida decorrente de diversos processos de apagamento da identidade trans, violência e exclusão nas várias dimensões da sociedade. A primeira instituição social, na maioria das

vezes, a promover exclusão e violência é o núcleo familiar, que barra a identidade trans e promove experiências de violências físicas e psicológicas, abandonando e rejeitando o membro da família por não conseguirem dialogar com a diferença. Ademais, as pessoas trans também são marginalizadas do mercado de trabalho, sendo excluídas por não atenderem aos padrões impostos pela cultura e, dessa forma, são considerados fora do perfil da empresa. Em muitas das situações existindo para essas pessoas como oportunidade de renda financeira apenas a prostituição. São vidas desvalorizadas na sociedade e com pouca atenção política, tendo em vista o reduzido desenvolvimento de políticas públicas direcionadas para a inclusão dessa população na escola e no mercado de trabalho, assim como, pouca atenção à saúde.

Assim, se faz necessário um posicionamento crítico e de desconstrução frente a um sistema cisheteronormativo que constrói formas padronizadas e limitantes de subjetividades. Diante desse fato, a psicologia tem responsabilidade social de dialogar contra normativas hegemônicas estruturadas na sociedade e lutar a favor de políticas públicas e direitos da comunidade LGBTQIA+. Além disso, deve atuar tendo como base a não discriminação, a garantia do direito a autonomia e liberdade dos indivíduos, assim como, o reconhecimento da existência da diversidade social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. N. **Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa**. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2021**. São Paulo: Expressão Popular; ANTRA; IBTE, 2022.
- BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S. N. B. (org.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular; ANTRA; IBTE, 2021.
- BENEVIDES, B. G. (org.). **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília, DF: Distrito Drag; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), 2023.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Tradução Rogério Betonni. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CARDOSO, T. V. B. LEITE, K. C. . Apontamentos acerca da precariedade: vida e morte social de pessoas trans. **E-BOOK X CINABEH** - Vol 01... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/75123>>. Acesso em: 02 jun. 2024.

CAVALCANTE, L. T. C.; OLIVEIRA, A. A. S. DE. Métodos de revisão bibliográfica nos estudos científicos. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte , v. 26, n. 1, p. 83-102, abr. 2020 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682020000100006&lng=pt&nrm=iso . acessos em 28 mar. 2024.

CHINAZZO, Í. R.; LOBATO, M. I. R.; NARDI, H. C.; KOLLER, S. H.; SAADEH, A.; COSTA, A. B. Impacto do estresse de minoria em sintomas depressivos, ideação suicida e tentativa de suicídio em pessoas trans. **Ciência & Saúde Coletiva** [online], v. 26, supl. 3, p. 5045-5056, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.28532019>.

COLINS, A. T.; LIMA, M. G. **Etnografia de tela e semiopragmática: um diálogo entre metodologias de análise fílmica**. AVANCA | CINEMA, 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional dos Psicólogos**, Resolução n.º 10/05, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução CFP nº 1, de 29 de janeiro de 2018**. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 fev. 2018. Seção 1, p. 32-34.

FALCKE, D.; WAGNER, A. **A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos**. In: WAGNER, A. (org.). Como se perpetua a família. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

FERREIRA, G. G. VIOLÊNCIA, INTERSECCIONALIDADES E SELETIVIDADE PENAL NA EXPERIÊNCIA DE TRAVESTIS PRESAS. **Temporalis, [S. l.]**, v. 14, n. 27, p. 99–117, 2014. DOI: 10.22422/2238-1856.2014v14n27p99-117. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/7359>. Acesso em: 1 jun. 2024.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2014.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOMEZ, M. A. R. **O direito da mulher transexual ao cárcere nas penitenciárias e alas femininas no Brasil**. 2017. 75 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GRANDO, M. S.; MARINA, M. B.; ANDRÉA, S. K. “Mãe suficientemente boa na contemporaneidade: uma (re)leitura Winnicottiana.” IX ANPED, 2012.

GUERRA, I. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia - Problemas e Práticas**, n. 3, p. 59-74, 1993.

HANAUER, O. F. D.; HEMMI, A. P. A.. Caminhos percorridos por transexuais: em busca pela transição de gênero. **Saúde em Debate**, v. 43, n. spe8, p. 91–106, 2019.

KAAS, H. **O que é Transfeminismo?** Uma Breve Introdução. 2ª Versão, 2015.

LAPOLLI, É. M.; PARANHOS, W. R.; WILLERDING, I. A. V. **DIVERSIDADES: O BÊÁ-BÁ PARA A COMPREENSÃO DAS DIFERENÇAS**. Conselho editorial Áureo dos Santos ... [et al]. 1. ed. Florianópolis: Pandion, p.144, 2022.

LEITE JUNIOR, J. “Nossos corpos também mudam”: sexo, gênero e invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, C. D. A. MONTEIRO, L. N. S. **Transexuais e travestis no Sistema Prisional Brasileiro: uma Revisão Integrativa**. Orientadora: Ms. Marina Fernanda Dallaqua, 2021. 29 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2021.

MARINHO, A. C. **Histórias de vidas de transexuais: afirmação identitária e sofrimento ético-político em questão**. História Oral, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 13–29, 2022. DOI: 10.51880/ho.v25i1.1231. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1231>. Acesso em: 17 set. 2023.

MARINHO, S. Mulheres trans, violência de gênero e a permanente caça às bruxas. **Argumentum**, [S. l.], v. 12, n. 3, p. 86–101, 2020. DOI: 10.47456/argumentum.v12i3.31355. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/31355>. Acesso em: 16 mar. 2024.

MARINHO, S.. Diversidade de gênero na sociabilidade capitalista patriarcal: as identidades trans em perspectiva. **Revista Katálysis**, v. 21, n. 3, p. 602–610, set. 2018.

MELO, K. M. M. DE.; LOPES, R. E. Modos de vida, experiências trans e enfrentamentos: considerações para a ação técnica em terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, n. spe, p. e3225, 2023.

OKSALA, J. **Como ler Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

OLIVEIRA, H. C. D. de; LEITE JUNIOR, F. F.; AMAZONAS, M. C. L. A. “Sou um homem, sou um bicho, sou uma mulher, sou a mesa e as cadeiras desse cabaré”: a prostituição na (trans) experiência travesti. In: COSTA FILHO, Cícero João da (org.). **À margem da História: representações e cerceamento de direitos no Brasil Contemporâneo**. 1. ed. Sobral: Sertão Cult, 2021. v. 1, p. 111-136.

PASSOS, A. H. I; PUCCINELLI, B; ROSA, W. **As narrativas hegemônicas como normativas excludentes: Raça, gênero e sexualidade.** Revista do Centro de Pesquisa e Formação. São Paulo, nº 8, p. 7-22, jul. 2019. Disponível em: . Acesso em: 09, março. 2024.

PEREIRA, M. B. de J. MENEZES, J. E. X. de. **Família e poder: implicações psicológicas das relações desiguais de poder dentro da família.** In: SEMOC - Semana de Mobilização Científica. Bahia: Salvador, 2009. Disponível em: <http://104.156.251.59:8080/jspui/handle/prefix/3998>.

PERES, W. S. **Travestis: corpo, cuidado de si e cidadania.** In: Fazendo Gênero 8 Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 25 a 28 de agosto de 2008.

PERES, W. S.; TOLEDO, L. G. Dissidências existenciais de gênero: resistências e enfrentamentos ao biopoder. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 11, n. 22, p. 261-277, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2011000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 abr. 2024.

PINHEIRO, T D. ARAÚJO, K. S. S. MORTES QUE PRECEDEM A MORTE: TRILHAS E PARTICULARIDADES PARA A COMPREENSÃO DO TRANSFEMINICÍDIO. Inter-Legere – **Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN** Natal RN, ISSN 1982-1662, nº 21, 2017.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 29, n. 4, p. 318–325, ago. 1995.

PIRES, M. DA C. F.; SILVA, S. L. P. DA. O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. **Educação & Sociedade**, v. 35, n. 127, p. 607–616, abr. 2014.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. DOS. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, v. 12, n. 2, p. 247–256, maio 2007.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. DE. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

PRUDÊNCIO, J. S. N. O Corpo como instrumento de identidade cultural em grupos sociais. **Maiêutica-História**, v. 4, n. 1, 2016.

REIS, J. R. T. **Família, emoção e ideologia.** In: LANE, T. M.; CODO, W. (Orgs.). **Psicologia social: o homem em movimento.** 8ª Ed. São Paulo:Brasiliense. p.220, 1989.

SAMPAIO, L. L. P.; COELHO, M. T. Á. D. Transexualidade: aspectos psicológicos e novas demandas ao setor saúde. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, n. 42, p. 637–649, jul. 2012.

SAWAIA, B. B. **O Sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão.** In: SAWAIA, Bader Burihan. (org.). *As artimanhas da exclusão – Análise psicossocial e ética da desigualdade social.* 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

VENENO. Direção: Javier Calvo, Javier Ambrossi. Produção: Atresmedia Studios, Suma Latina. 2020. Madrid: Atresmedia, Suma Latina. 1 temporada (8 episódios), aproximadamente 50 minutos por episódio.